



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

A INFLUÊNCIA DA INCLUSÃO SOBRE A VIDA DE SURDOS NA ALEMANHA: ANALISANDO NARRATIVAS DO EU

ROMANA CASTRO ZAMBRANO
CLEIDE EMÍLIA FAYE PEDROSA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

Resumo: Nesse artigo, focamos a comunidade surda na Alemanha no contexto da inclusão. Por meio de leis, decretos e documentos norteadores, o Estado alemão visa a garantir a igualdade de direitos e oportunidades para todas as pessoas. Com o estudo, pretendemos verificar a influência da inclusão sobre a vida de surdos. Para atender esse fim, analisamos três narrativas de vida, contadas por surdos alemães. Teoricamente, nos baseamos na Análise Crítica do Discurso (ACD) e sua corrente brasileira, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD). Dialogando com uma perspectiva cognitiva, analisamos como os surdos constituem o *frame* de sua vida nas narrativas. Por um lado, os resultados mostram que a inclusão tem efeitos positivos sobre a vida dos surdos alemães. Por outro lado, nota-se que o Estado não consegue proteger a igualdade de direitos dessa minoria. **Palavras-chaves:** Surdos. Inclusão. Alemanha. **Abstract:** In this paper, we focus on the deaf community in Germany in the context of inclusion. Through laws, decrees and guiding documents, the German government aims to ensure equal rights and opportunities for all people. By this study, we aim to identify the effect of inclusion on deaf people's lives. For this purpose, we analyze three self-narratives, told by German deaf. Theoretically, we rely on Critical Discourse Analysis (CDA) and its Brazilian variant, the Sociological and Communicational Approach to Discourse (SCAD). In an interdisciplinary dialogue with a cognitive perspective, we analyze how the deaf constitute the frames of their lives in the narratives. On the one hand, the results show that inclusion has positive effects on the lives of German deaf. On the other hand, we note that the State is not able to protect the equal rights of

this minority. **Keywords:** Deaf. Inclusion. Germany.

INTRODUÇÃO A inclusão tem se tornado um fenômeno global: documentos internacionais, sobretudo a *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência das Nações Unidas* do ano 2006 (ALEMANHA, 2014), influenciam sobre o estabelecimento deste conceito na legislação em nível mundial. Além da ratificação da Convenção, observa-se que muitos países introduzem leis nacionais para garantir a inclusão de pessoas com deficiência. Na Alemanha, são, entre outras, o *Livro IX do Código da Segurança Social (IX Sozialgesetzbuch – SGB IX)* de 2001 (ALEMANHA, 2001) e a *Lei sobre Igualdade de Oportunidades para Pessoas com Deficiência (Gesetz zur Gleichstellung behinderter Menschen – Behindertengleichstellungsgesetz – BGG)* de 2002 (ALEMANHA, 2002a) que se desenvolveram para garantir a inclusão. Não obstante, constata-se que, na Alemanha, o documento mais profundo quanto à inclusão é a Convenção das Nações Unidas, ratificada em 2008. A respeito dos surdos, pode-se constatar que a inclusão se refere principalmente ao aspecto da comunicação. Portanto, considera-se que, para esse grupo de pessoas, a lei de 2002 é de fundamental importância, dado que, a base do parágrafo seis (§6) dessa lei, a língua de sinais alemã (*Deutsche Gebärdensprache – DGB*) foi reconhecida oficialmente como uma língua distinta (ALEMANHA, 2002a). Mas também outras medidas legislativas nas leis mencionadas acima, foram desenvolvidas para eliminar barreiras de comunicação e para consolidar a igualdade de direitos na educação, no mundo laboral e na vida social. Nesse artigo, pretendemos verificar as consequências da inclusão para a vida dos surdos na Alemanha. Para atender esse fim, analisam-se narrativas de vida de surdos, com base na Análise Crítica do Discurso (ACD) e sua corrente brasileira, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD). Em vista disso, apresentam-se, no primeiro e no segundo passo, as bases teóricas e metodológicas, para, em continuação, analisar as narrativas. Finalmente, nas considerações finais, passamos a refletir sobre os resultados da análise. **DO PODER E DO DISCURSO** Levando em conta a complexidade multidimensional de processos sociais, optamos por um estudo interdisciplinar, orientado pela Análise Crítica do Discurso (ACD) (WODAK; MEYER, 2009). A base disso, defendemos aqui uma relação dialética entre o discurso e a sociedade (FAIRCLOUGH; WODAK, 1997), mediada pela cognição social (VAN DIJK, 2002; 2003). Sobre a cognição social, van Dijk (2003) entende um sistema mental composto por vários subsistemas, como saberes, atitudes, normas, valores ou ideologias, compartilhados pelos membros de um grupo ou de uma sociedade. Entre esses subsistemas, o saber desempenha o papel especial de ser percebido como a verdade, como o “real”. Nesse sentido, o discurso contribui para constituir a nossa realidade social. Nas suas pesquisas, os analistas críticos do discurso perseguem um fim emancipatório e focam a análise de estruturas de poder no discurso, visando a alertar, por exemplo, para ideologias naturalizadas, situação de minorias ou desigualdades sociais (WODAK, 1995). A ACD não se interessa somente

pelo poder no discurso, mas também pelo poder sobre o discurso. Assim, van Dijk (2001) afirma que não são todos os membros de uma sociedade que possuem as mesmas possibilidades para controlar o discurso público. Destarte, são principalmente os grupos dominantes que conseguem dissimular sua visão de mundo por meios de comunicação de massa. Em consequência, também são esses grupos sociais que têm maior influência sobre o estabelecimento de “verdades” e sobre a constituição da “realidade”. Mesmo concordando com esse posicionamento, vale ressaltar que o discurso público não possui um poder absoluto de definir as verdades de uma sociedade, visto que os receptores, os membros de uma sociedade, não aceitam tudo o que se divulga publicamente. Em face disso, Waldschmidt et al. (2007, 2009) afirmam que, no discurso público, nos deparamos com modelos de subjetivação, como modelos de identidades, de comportamentos e de interpretação. No discurso privado, inversamente, podemos observar quais desses modelos foram aceitos e quais foram rejeitados. Segundo os autores, no discurso privado, localiza-se o saber cotidiano que se caracteriza por 1) conhecimentos elementares e pouco diferenciados; 2) subjetivação intensa; 3) orientação pragmática a respeito de “como se deve agir”; 4) lógica pragmática, saberes padronizados, tanto univocidade como ambiguidade; 5) descrições biográficas, conselhos, dicas; e 6) uma perspectiva de experiências subjetivas (WALDSCHMIDT ET AL., 2007). Sem dúvida, podemos constatar que narrativas de vida são um exemplo típico do discurso privado que nos permitem analisar a experiência pessoal de sujeitos surdos com a inclusão em suas vidas. Partimos, por outro lado, dos saberes estabelecidos sobre a inclusão de surdos pelo discurso legal. Podemos classificar o discurso legal como parte do discurso especial. O discurso especial se constitui por conhecimentos específicos, por exemplo, de pesquisadores de certa área científica, publicados para outros pesquisadores dessa área. O discurso especial é altamente regulado, contém termos específicos e, portanto, não é fácil de compreensão para leigos e não está ao alcance de todos. Além disso, o discurso especial se diferencia do discurso público e privado por causa de seu poder de definir o que é “correto” e o que é “falso” (WALDSCHMIDT et al. 2007). No caso do discurso legal, notamos que ele determina como a nossa realidade social deve ser. Em consequência, considerando a presente pesquisa, as leis alemãs sobre a inclusão, em uma visão geral, prescrevem que a vida dos sujeitos surdos não deve ser marcada pela desigualdade de direitos e oportunidades. Outro aspecto a respeito do poder que interessa a ACD – mais especificamente: à Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD) – é uma classificação mais exata do poder no discurso (PEDROSA, 2012). Com base na Sociologia para a Mudança Social (BAJOIT, 2006), a ASCD distingue cinco tipos diferentes de poder: poder-domínio, poder-Estado, poder-autoridade, poder-influência e poder-hegemonia (PEDROSA, 2012). O tipo de poder relevante para esse estudo é o poder-influência, que se refere “ao tipo de contrato social, relação social em que se estabelecem, se negociam e se garantem os compromissos, bem como a existência entre os diferentes grupos. Os atores sociais envolvidos são os grupos instalados e os

grupos minoritários” (PEDROSA, 2012, p. 14). Trata-se, então, de encontrar compromissos entre os diferentes interesses das numerosas categorias sociais presentes em uma sociedade. A fim de perseguir seus interesses, as categorias sociais se estruturam em grupos de pressão, tencionando obter maior influência possível sobre os outros. Segundo Bajoit (2006, p. 58), existem categorias sociais que têm menos possibilidades de “prover elas próprias as suas necessidades”, como, por exemplo, as pessoas com deficiência, os demasiado velhos, os doentes e outros desfavorecidos. Nesses casos, os grupos precisam beneficiar da solidariedade social e o Estado deve garantir a segurança social desses grupos por meio de leis (BAJOIT, 2006). Consideramos que, mesmo sendo organizados em associações, os surdos representam uma minoria cujos direitos devem ser garantidos pelo Estado. **O FRAME DA VIDA NAS NARRATIVAS DO EU** Considerando os pensamentos de Waldschmidt et al. (2007), nesse estudo, verificamos as consequências da inclusão à vida de surdos alemães no discurso privado, quer dizer, em narrativas de vida. Com isso, conferimos se as leis alemãs, que devem estabelecer a igualdade de direitos e oportunidades, têm efeitos na vida cotidiana de surdos. Destarte, pretende-se vislumbrar o poder-influência (conforme a ASCD), observando se o Estado consegue garantir a segurança social dos surdos e se esta minoria está ativamente lutando em grupos de pressão para aumentar sua influência e fazer valer seus interesses. Para responder essas perguntas, analisam-se três narrativas do eu de surdos alemães de diferentes faixas etárias. Assim, tencionamos observar se as leis, que foram introduzidas apenas nos últimos quinze anos, influenciam sobre diferentes fases vitais, como a educação escolar, universitária ou a vida profissional. Os dados foram gerados por meio de um questionário *on-line*, no qual os participantes encontraram a seguinte questão:

Como você descreve sua vida até agora?

Quais acontecimentos marcaram a sua vida ou foram importantes para você?

Explique, como sua surdez influenciou sua vida.

Você pode escrever o que você quiser, por exemplo, sobre família, escola, amigos, vizinhos, trabalho, língua ou qualquer outra coisa que você acha interessante. Você pode escrever o quanto quiser. (<https://www.socisurvey.de/Leben_Vida/

[socisurvey.de/Leben_Vida/](https://www.socisurvey.de/Leben_Vida/)

|=por>) Supomos que, ao pedir para escrever sobre sua vida, evocamos o *frame* da vida dos participantes. Sob o termo *frame*, Fillmore (1982) entende um sistema de conceitos inter-relacionados entre si. Sendo assim, para entender um dos conceitos subordinados, precisa-se conhecer o sistema inteiro. Em consequência, uma palavra no discurso não ativa um conceito isolado, mas um sistema de conceitos. Analisando a estrutura de

frames, Minsky (1974) afirma que estes contêm *slots* que permitem a atribuição de valores ao *frame*. Pode-se distinguir valores opcionais (*fillers*) e valores compulsórios (*default values*). Enquanto os valores opcionais são preenchidos pelo discurso, valores compulsórios se preenchem automaticamente, pois se deduzem a partir de conhecimentos guardados na memória de longo prazo (SARAIVA, 2014; ZIEM, 2014). Barsalou (1992), que oferece uma descrição detalhada das estruturas de *frames*, destaca que cada valor consiste de outros *slots* que podem ser preenchidos. Desse modo, se desenvolve uma rede conceitual pelo qual o *frame* está sendo especificado (BUSSE, 2015). Entendemos, então, que ao escrever sobre sua vida, os participantes do estudo atribuem valores ao *frame* de sua vida, construindo, dessa maneira, discursivamente um conceito biográfico. Portanto, na análise, focamos as características atribuídas pelos surdos às suas vidas. Ressaltamos, que a história dos sujeitos não corresponde aos conhecimentos objetivos ou comuns, mas surge de uma interpretação subjetiva sobre sua vida e seu mundo (RICOEUR, 2013). **ANALISANDO AS NARRATIVAS DO EU** Em continuação, analisamos as três narrativas de vida escolhidas para esse estudo. Para isso, apresentamos, no primeiro passo, a narrativa na íntegra,[i] para, em seguida, verificar a constituição discursiva do *frame* da vida do sujeito-autor evocado na narrativa. Os resultados se interpretam a respeito da influência da inclusão sobre a vida de surdos na Alemanha, em consideração do poder-influência. Visto que se trata de traduções do alemão ao português, os textos na língua original se encontram em nota de rodapé. A primeira narrativa de vida, que apresentamos nesse estudo, é de uma participante feminina da faixa etária entre 51 e 65 anos. Considerando a idade da participante, frisa-se que as leis mais importantes referentes à inclusão e à igualdade de direitos e oportunidades entraram em vigor apenas entre 2001 e 2008 e, portanto, após a formação da participante.

Exemplo 1:

nascida quase completamente surda XXX anos atrás em XXX [cidade pequena na Alemanha Oriental]

frequência da escola até o 3º ano em XXX [cidade pequena na Alemanha Oriental], depois até o 10º ano em uma escola para deficientes auditivos em XXX [cidade grande na

Alemanha Oriental] e Berlim.

1981 até 1983 formação como jardineira em XXX [cidade grande na Alemanha Oriental]

a partir de 1983 emprego na fábrica de filmes XXX [empresa grande na Alemanha Oriental]

1985, depois de vários cursos de qualificação, mudança a XXX [cidade grande na Alemanha Oriental]

até 1990 emprego como secretária, desde 1987 em Berlim (casamento) na Associação de Surdos e Deficientes Auditivos

durante meu ano de educação[ii] (1991/1992), dissolução da associação – redução da verba dos subsídios estatais

a partir de 1991 cursos de qualificação (área de vendas)

1992/1993 trabalho como *ABM-Kraft*[iii] em XXX [empresa em Berlim]; a empresa foi dissolvida em 1993

1993 decisão de abrir uma empresa (loja de flores); alternativa: viver da ajuda social – eu não queria isso

e outros cursos e cursos de formação complementar em XXX [escola municipal]

venda de flores no começo em XXX [bairro em Berlim], depois em XXX [bairro em Berlim] – no ar livre com todas as vantagens e desvantagens: custos relativamente baixos – exposta ao sol e à chuva sem proteção nenhuma; por isso

em 2005 a decisão de construir uma “loja”; planejamento, buscar permissões, questões de financiamento

2008: duas cirurgias (maio e setembro) durante a fase da construção, implantes cocleares; eles me ajudam para entender melhor os e as clientes; mesmo assim, ainda é preciso a leitura labial

em 2008 meu “pavilhão” está pronto

em 2009 prova de instrutora

Como quase surda nunca podia explorar as possibilidades de escola, formação e formação complementar. Eu sinto isso desde 2012; a Agência para a Saúde e o Social me consentiu um assistente de comunicação, por meio deste, percebo todas as coisas que me faltam. Eu

estou aprendendo continuamente – isto me faz feliz. (Participante feminina, 51-65 anos, Berlim; tradução nossa).[iv] Se nota que os valores que a participante atribui ao *frame* de sua vida se referem principalmente a *slots* como trabalho e educação. Interpretamos isso como um índice para a importância que ela atribui a esses aspectos. Sobretudo a educação desempenha um papel especial na vida dela, pois, após sua formação, não para de estudar: “1985 depois de vários cursos de qualificação mudança”, “a partir de 1991 cursos de qualificação (área de vendas)”, “e outros cursos e cursos de formação complementar”, “em 2009 prova de instrutora”. Além disso, ela declara sua felicidade com seu assistente de comunicação: “Eu estou aprendendo continuamente – isto me faz feliz”. Com isso, ela indica o valor positivo que ela atribui a essa parte de sua vida. Quanto à inclusão educativa, podemos constatar que ela encontrava muitas possibilidades de se educar. Inicialmente, ela frequentava, até o terceiro ano, uma escola regular e depois mudou para uma escola especial. Acerca dos cursos de qualificação e formação (complementar), ela informa que alguns eram em institutos regulares. Porém, a participante considera que “como quase surda nunca podia explorar as possibilidades de escola, formação e formação complementar.” Isso demonstra que ela teria gostado de obter uma educação melhor do que recebeu. Se percebe que ela constrói uma relação causal entre sua surdez e a falta da educação desejada. A surdez, então, é vista como um obstáculo para sua realização pessoal. O assistente de comunicação faz parte de uma medida para estabelecer a igualdade de direitos e só através dele a participante sente “todas as coisas que [...] faltam.” Considerando o poder-influência, notamos que o direito a um assistente de comunicação promovido pelo Estado a ajuda a incluir-se na sociedade. Mas notamos também que a igualdade de direitos dela como surda não foi garantida completamente pelo Estado. Nesse contexto, também queremos ressaltar a necessidade de consultar fontes do discurso privado para verificar a influência da inclusão sobre a vida de surdos, visto que somente a perspectiva subjetiva dessa participante nos permite observar que ela não está contente com sua educação. Se se tivesse realizado uma análise a partir de uma estatística, a participante poderia ser classificada como um bom exemplo quanto à educação surda, dado que ela aproveitou de muitas oportunidades. Porém, a perspectiva subjetiva nos mostra que ela não está contente. A respeito da vida laboral, podemos constatar efeitos semelhantes. Considerando exclusivamente fatos objetivos, a participante seria um caso exemplar: estava desempregada somente em poucas fases de sua vida e agora é dona de sua própria loja. Analisando a versão subjetiva da vida dela, observa-se que a decisão de abrir uma loja foi tomada porque ela não encontrava emprego e não queria viver de ajudas financeiras estatais: “alternativa: viver da ajuda social – eu não queria isso”. Essa frase nos indica que o trabalho representa uma parte essencial para a vida dela e que o fator da

independência financeira do Estado é importante para ela. Em consideração ao poder-influência, podemos afirmar que o Estado, naquele tempo, garantia a segurança social dela por meio da ajuda social, mas não garantia a igualdade de oportunidades, visto que ela não conseguia um emprego no mercado laboral, mesmo sendo formada. O fato de que vender flores, por conta própria, não era sua solução preferida. Verificamos este fato no seguinte fragmento de sua narrativa: “no ar livre com todas as vantagens e desvantagens: custos relativamente baixos – exposta ao sol e à chuva sem proteção nenhuma”. Na narrativa, a participante tematiza sua surdez principalmente como um obstáculo em sua vida, por um lado, como vimos acima, quanto à educação, por outro, quanto ao trabalho: “duas cirurgias [...], implantes cocleares; eles me ajudam para entender melhor os e as clientes; mesmo assim, ainda é preciso a leitura labial”. Ela relaciona o desejo de utilizar implantes cocleares, principalmente, para atender a comunicação necessária no trabalho. Um último aspecto da narrativa a ser vislumbrado aqui, é sobre o trabalho da participante como secretária em uma “Associação de Surdos e Deficientes Auditivos”. Em relação ao poder-influência, observamos que existia um grupo que defendia os interesses dos surdos e que este disponibilizava empregos para surdos. Este grupo recebia subsídios estatais e foi dissolvido por causa da redução da verba. Constatamos que, com essa redução da verba, o Estado parou de apoiar o grupo de pressão dos surdos. Não obstante, é importante mencionar que a participante morava na Alemanha Oriental e trabalhava na Associação de Surdos e Deficientes Auditivos desse Estado. Após a reunificação da Alemanha, por causa da dissolução da Alemanha Oriental e sua reestruturação no sistema da Alemanha Ocidental, não somente a associação de surdos, mas também uma grande parte das outras associações viveram mudanças intensas no início dos anos 1990. A segunda narrativa foi escrita por um participante masculino da faixa etária entre 36 e 50 anos.

Exemplo 2:

Meu irmão gêmeo monozigótico e eu nascemos como surdos. Em festas, casamentos e encontros com ouvintes, sempre estou muito feliz que o tenho. Para não ser *outsider* nessa sociedade. Por outro lado, para meu irmão também é assim. Dessa maneira, podemos falar em língua de sinais só entre nós. :o)

Temos também uma irmã ouvinte que sempre cuida de nós com muito amor, por exemplo, telefonemas, consultas, ... etc ... Em nossa família todos são ouvintes e, entre nós, podemos nos comunicar bem.

Até agora, eu podia frequentar boas escolas, assim, ao final tenho *Abitur*[v]. Até agora, em

minha vida, me marcou muito: eu gosto muito de viajar e já estive em todos os 5 continentes, e vai haver mais viagens futuramente. :o)

Eu também sou ativo como voluntário em uma associação de surdos, também encontro meus amigos surdos as vezes. Isto é muito importante para mim, para que possamos usar as mãos.

Há 15 anos, trabalho na empresa XXX, me dou bem com meus colegas. Se houver problemas eles sempre me escrevem algo.

Infelizmente, com a gerência sempre acontece a mesma coisa: as reuniões de equipe ou sessões de informação sempre se planejam a curto prazo, assim, eu não tenho chance de reservar um intérprete. Eles estão sempre ocupados. Quantas vezes eu já disse a eles que eles deveriam definir as datas com antecedência, até agora, infelizmente, não mudou nada.

Posso dizer de maneira breve e clara, que estou orgulhoso de ser surdo. Minha língua materna é a língua de sinais. Eu tenho consciência de que não todos os surdos podemos ter uma vida sem barreiras. (Participante masculino, 36-50 anos, Baden-Vurtemberg; tradução nossa).[vi] Nessa narrativa, podemos constatar que o *frame* da vida do participante contém especificações quanto a numerosos aspectos, como família, comunicação, tempo livre, educação e trabalho. Além disso, o participante tematiza explicitamente a surdez e a inclusão. Mesmo que essa narrativa se distinga da primeira por incluir uma maior diversidade de aspectos, pode-se notar que o trabalho também desempenha um papel marcante na vida do segundo participante. Observamos que o participante tem êxito na vida laboral, visto que ele trabalha em uma das maiores empresas alemãs (retiramos o nome da empresa para impedir a identificação do participante). Ele relata que a surdez não representa um obstáculo no seu trabalho cotidiano: “[...] me dou bem com meus colegas. Se houver problemas, eles sempre me escrevem algo.” Ao contrário, quando tem reuniões ou sessões de informação, ele está enfrentando problemas de comunicação, pois os gerentes “planejam [esses eventos] a curto prazo, assim, eu não tenho chance de reservar um intérprete. Eles estão sempre ocupados.” Nota-se que o participante não culpa sua surdez desse problema, mas acusa os gerentes por não considerar a necessidade de reservar os intérpretes com antecedência no planejamento: “Quantas vezes eu já disse a eles que eles deveriam definir as datas com antecedência, até agora, infelizmente, não mudou nada.” Percebe-se também que o participante não atribui valores negativos a sua surdez, pois ele afirma que está “orgulhoso de ser surdo”. Por outro lado, ele não concede esse valor positivo à surdez de todos: “Eu tenho consciência de que não todos os surdos podemos ter uma vida sem barreiras.” Por meio dessa frase, o

participante muda do *frame* de sua vida pessoal à descrição do *frame* da vida de surdos em geral. A afirmação demonstra, quanto ao poder-influência, que o Estado ainda não conseguiu garantir uma vida sem barreiras aos surdos. Assim, parece que o participante opina sobre sua educação que ele obteve o *Abitur* somente porque “podia frequentar boas escolas”. Por meio do verbo *poder*, ele indica que frequentar boas escolas (para surdos) não é algo natural, mas que ele teve sorte. Também encontramos o aspecto da sorte quando o participante fala sobre sua família. Nota-se que o participante associa a relação com sua família com o tópico da comunicação: “Em nossa[vii] família todos são ouvintes e, entre nós, podemos nos comunicar bem.” Enquanto aqui se foca a comunicação entre a família, o participante também indica que a família o ajuda a se comunicar com autoridades: “Temos também uma irmã ouvinte que sempre cuida de nós com muito amor, por exemplo, telefonemas, consultas, ... etc ...”. Essa afirmação do participante surpreende em vista de que no *Decreto sobre o uso da língua de sinais e outros suportes de comunicação durante o procedimento administrativo segundo a Lei de Igualdade de Oportunidades de Deficientes (Kommunikationshilfenverordnung – KHV)* de 2002, as autoridades devem fornecer um intérprete para qualquer processo administrativo (ALEMANHA, 2002b). Considerando o poder-influência, podemos constatar que mesmo existindo uma base legal o participante pede (ou precisa pedir) ajuda à irmã. Um papel especial quanto à comunicação com a família desempenha o irmão gêmeo surdo: “Em festas, casamentos e encontros com ouvintes, sempre estou muito feliz que o tenho. Para não ser *outsider* nessa sociedade. [...] podemos falar em língua de sinais só entre nós.” Novamente, percebe-se que o participante do estudo classifica essa circunstância de ter um irmão surdo como uma sorte. Outrossim, percebe-se a importância da língua de sinais para o participante, dado que ele a tematiza em mais duas ocasiões na narrativa: “Minha língua materna é a língua de sinais”; “[...]também encontro meus amigos surdos as vezes. Isto é muito importante para mim, para que possamos usar as mãos”. Outro aspecto interessante a respeito do poder-influência é o trabalho voluntário em uma associação de surdos que mostra o desejo de se engajar para defender os interesses dos surdos. Nesse contexto, destacamos novamente que o participante parece não sentir (tantos) efeitos negativos da surdez a sua vida, mas assume que outros surdos contam com dificuldades. Ressaltamos que ele também não menciona dificuldades em relação ao elemento mais marcante de sua vida: as viagens (internacionais). No terceiro exemplo, apresentamos a narrativa do eu de uma participante feminina da faixa etária de 18 a 25 anos, estudante universitária.

Exemplo 3:

Em retrospectiva, minha educação em um *Gymnasium* regular foi terrível. Eu sempre tinha

frequentado institutos regulares, porque em nosso estado federado não havia nenhuma opção de frequentar uma escola para deficientes auditivos. No entanto, meus pais queriam me mandar para uma escola regular porque uma escola para deficientes auditivos não teria sido bastante exigente para mim. Não havia outra possibilidade de conclusão escolar para mim. Então, eu me torturava durante o tempo no *Gymnasium*, queria interromper várias vezes. Não recebi uma compensação de desvantagens e aprovei o *Abitur* com um bom resultado e, em algumas provas, fiquei a melhor aluna do ano!

Agora, na universidade, muitas coisas se tornaram mais fáceis. É certo que ainda existem barreiras, mas aqui eu tenho lutadores ao meu lado e o pensamento da inclusão agora também é conhecido já por um bom tempo e está chegando pouco a pouco às mentes dos normais. (Participante feminina, 18-25 anos, Baviera; tradução nossa)[viii] A participante especifica sua vida principalmente a respeito de sua educação. Nesse contexto, ela comenta que frequentava um *Gymnasium* da rede escolar regular. Para explicar esse termo aos leitores brasileiros, convém informar que na Alemanha existem três tipos de escolas secundárias. A partir da avaliação do desempenho dos alunos, a escola primária emite uma recomendação para um tipo dessas escolas. O *Gymnasium* representa o tipo de escola mais difícil para os alunos com as melhores notas. Observa-se o orgulho da participante de ter concluído o *Gymnasium* com êxito: "Não recebi uma compensação de desvantagens e aprovei o *Abitur* com um bom resultado e, em algumas provas, fiquei a melhor aluna do ano!" Deixando a questão aberta se ela não o solicitou ou se seu pedido foi rejeitado, a participante menciona que o regulamento sobre a compensação de desvantagens não foi aplicado. Geralmente, os regulamentos sobre a compensação de desvantagens preveem modificar as provas para que os alunos com deficiência tenham as mesmas oportunidades que os alunos sem deficiência (KERN, 2011). Apesar de seu êxito, a participante caracteriza sua vida no *Gymnasium* de modo negativo: "Em retrospectiva, minha educação em um *Gymnasium* regular foi terrível"; "Então, eu me torturava durante o tempo no *Gymnasium*, queria interromper várias vezes". Considerando os motivos por ter frequentado um *Gymnasium* da rede regular, a participante informa que "Não havia outra possibilidade de conclusão escolar para" ela. Verificamos, com referência aos desafios do poder-influência, que o Estado não fornecia um ensino adequado para ela como surda, em face de que as escolas especiais não correspondiam ao desempenho da participante e que, além disso, não existia uma escola especial na sua região. Diferentemente da vida escolar, a participante descreve sua vida universitária de uma maneira positiva: "Agora, na universidade, muitas coisas se tornaram mais fáceis". Nessa parte da vida dela, podemos, novamente, perceber um aspecto interessante quanto ao poder-influência: "É certo que ainda existem barreiras, mas aqui eu tenho lutadores ao meu lado". Isso mostra, que ela não confia na

responsabilidade do Estado de garantir a igualdade de oportunidades e, portanto, luta com outros em um grupo de pressão para seus direitos. O efeito positivo da inclusão para sua vida, ela reconhece no estabelecimento desse pensamento: "o pensamento da inclusão agora também é conhecido já por um bom tempo e está chegando pouco a pouco às mentes dos normais." **CONSIDERAÇÕES FINAIS** Voltando, nas considerações finais, para nossa pergunta inicial, podemos perceber que a inclusão tem efeitos à vida dos três participantes: a primeira participante relata sobre seu assistente de comunicação, o segundo participante menciona seus intérpretes e a terceira fala sobre o pensamento da inclusão. Porém, constatamos que ainda existem muitas barreiras. Assim, no caso da primeira participante, ela afirma que se dá conta de todas as oportunidades que ela tem somente por causa de seu assistente. O segundo participante considera que não todos os surdos podem ter uma vida sem barreiras e a terceira participante assume que está lutando com colegas contra essas barreiras. Nesse contexto, notamos que todos os participantes são (ou eram) membros em associações ou outros grupos de pressão. Esse fato demonstra que todos apoiam a solidariedade entre eles. Destacamos que este aspecto está relacionado com o poder-influência: na análise observamos que o Estado não consegue garantir completamente a igualdade de direitos e oportunidades. Em consequência, os surdos têm de se organizar em grupos de pressão (associações etc.) para fazer valer seus interesses.

REFERÊNCIAS ALEMANHA. *Sozialgesetzbuch (SGB) Neuntes Buch (IX) - Rehabilitation und Teilhabe behinderter Menschen - (Artikel 1 des Gesetzes v. 19.6.2001, BGBl. I S. 1046)*. Berlin, 2001.

Disponível em:

<[https://www.](https://www.gesetze-im-internet.de/sgb_9/BJNR104700001.htm)

[gesetze-im-internet.de/sgb_9/BJNR104700001.htm](https://www.gesetze-im-internet.de/sgb_9/BJNR104700001.htm)

|

>.

Acesso em: 26 de jun. 2016. ALEMANHA. *Gesetz zur Gleichstellung behinderter Menschen (Behindertengleichstellungsgesetz - BGG)*. Berlin, 2002a.

Disponível em:

<[http://](http://www.gesetze-im-internet.de/bgg/BJNR146800002.htm)

[www.](http://www.gesetze-im-internet.de/bgg/BJNR146800002.htm)

[gesetze-im-internet.de/bgg/BJNR146800002.htm](http://www.gesetze-im-internet.de/bgg/BJNR146800002.htm)

|

>.

Acesso em: 26 de jun. 2016. ALEMANHA. *Verordnung zur Verwendung von*

Gebärdensprache und anderen Kommunikationshilfen im Verwaltungsverfahren nach dem Behindertengleichstellungsgesetz (Kommunikationshilfenverordnung - KHV). Berlin, 2002b.

Disponível em:

<<http://www.gesetze-im-internet.de/khv/BJNR265000002.htm>

|

>.

Acesso em: 26 de jun. 2016. ALEMANHA. Beauftragte der Bundesregierung für die Belange behinderter Menschen. *Die UN-Behindertenrechtskonvention: Übereinkommen über die Rechte von Menschen mit Behinderungen*. Berlin, 2014. BAJOIT, G. Tudo muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas. Lisboa, Portugal: Unijaí, 2006. Barsalou, L. W. Frames, concepts, and conceptual fields. In: LEHRER, A.; KITAY, E. (eds.). *Frames, Fields and Contrasts*. Hillsdale NJ: Lawrence, 1992, p. 21-74. Busse, D. Juristisches Wissen als institutionelle Begriffsstrukturen. Analyseansätze aus Kognitionswissenschaften und wissensanalytischer Semantik (am Beispiel der Auslegung von Gesetzes-Begriffen). *Archiv für Rechts- und Sozialphilosophie (ARSP)*, 101(3), p. 354-385, 2015. FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (eds.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982, p. 111-137. KERN, W. Nachteilsausgleich bei Prüfungen. *best für Hörgeschädigte*.

Disponível em:

<http://www.best-news.de/?bestteam>.

Acesso em: 26 de jun. 2016. MINSKY, M. A framework for representing knowledge. *Artificial Intelligence Memo*, No. 306, 1974. PEDROSA, C. L. F. Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso. PARTE 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social. Natal: UFRN, 2012. Texto fundador.

Disponível em:

<www.ascd.com.br>

Acesso em: 27 de jan. 2016. RICOUER, P. A identidade narrativa. Disponível em: <<http://>

metafisica.no.sapo.pt/ricoeur.htm

|

>.

Acesso em: 04 de set. 2013. SARAIVA, A. M. Cognição e categorização: uma revisão teórica. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi Silva de; FELTES, Heloísa Pedroso Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto (Org.). *Cognição e Linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educs, 2014, p. 29-50. van Dijk, T.A. Critical Discourse Analysis. In: Schiffrin, D. et al. (eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Maldon: Blackwell, 2001, p. 352-371. VAN DIJK, T. A. Political discourse and political cognition. In: CHILTON, P. A.; SCHÄFFNER, C. (orgs.). *Politics as text and talk*. Analytical approaches to political discourse. Amsterdam: Benjamins, 2002, p. 204-236. VAN DIJK, T. A. The discourse-knowledge interface. In: WEISS, G.; WODAK, R. (orgs.). *Critical Discourse Analysis*. Theory and interdisciplinarity. Houndsmills: Palgrave-MacMillan, 2003, p. 85-109. WALDSCHMIDT, A. et al. Diskurs im Alltag – Alltag im Diskurs: Ein Beitrag zu einer empirisch begründeten Methodologie sozialwissenschaftlicher Diskursforschung. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, v. 8, n. 2, 2007.

Disponível em:

<[http://](http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/251/553)

[www.](http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/251/553)

[qualitative-research.net/index.php](http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/251/553)

[/fqs/article/view/251/553](http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/251/553)>.

Acesso em: 24 maio 2016. WODAK, R. Critical Linguistics and Critical Discourse Analysis. In: VERSCHUEREN, J.; ÖSTMAN, J.; BLOMMAERT, J. (eds.). *Handbook of Pragmatics: Manual*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 1995, p. 204-210. Wodak, R.; Meyer, M. (orgs.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. Londres et al.: Sage, 2009. ZIEM, A. *Frames of understanding in text and discourse: theoretical foundations and descriptive applications*. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2014.

[1] Foram retiradas as partes que podiam facilitar a identificação das pessoas participantes. Essas partes se indicam por meio de "XXX". [2] O ano de educação (*Erziehungsjahr* em alemão) é um período concedido após ter um filho durante o qual não se precisa trabalhar. [3] Consideramos que não existe uma tradução adequada para o termo *ABM-Kraft*. Tratava-se de uma medida introduzida pelo governo alemão para reduzir a taxa do desemprego. Os empregos eram subvencionados pelo Estado. Geralmente, os trabalhos oferecidos no contexto dessa medida não pediam uma qualificação alta dos empregados e contavam com salários baixos. [4] Texto original do exemplo 1:

praktisch gehörlos geboren vor 51 Jahren in XXX

Schulbesuch bis zur 3. Klasse in XXX danach bis zur 10. Klasse in einer Schule für

Schwerhörige in XXX und Berlin.

1981 bis 1983 Ausbildung zur Gärtnerin in XXX

ab 1983 Berufstätigkeit in der Filmfabrik XXX

1985 nach mehreren Qualifizierungsmaßnahmen Umzug nach XXX

bis 1990 Tätigkeit als Bürokraft, seit 1987 in Berlin (Heirat) im Gehörlosen- und Schwerhörigen-Verband (GSV e. V.)

während meines Erziehungsjahres (1991/1992) Auflösung des GSV e. V. - Einsparung der staatlichen Fördergelder

ab 1991 Weiterbildungsmaßnahmen (kaufmännisches Berufsfeld)

1992/1993 ABM-Kraft im XXX in Berlin-XXX; der Betrieb wurde 1993 aufgelöst

1993 Entscheidung mich selbstständig zu machen (Blumeneinzelhandel); Alternative: von Stütze

leben - das wollte ich nicht

und weitere Lehrgänge und Weiterbildungskurse (XXX)

Blumeneinzelhandel zunächst in XXX, dann in XXX – unter freiem Himmel mit allen

Vor- und Nachteilen: verhältnismäßig geringe Kosten - der Sonne und dem Regen schutzlos

ausgesetzt; deshalb

2005 die Entscheidung einen „Laden“ zu bauen; Planung, Genehmigungen einholen,

Finanzierungsfragen

2008: zwei Operationen (Mai und September) während der Bauzeit, Cochlea-Implantate; sie helfen mir, Kunden und Kundinnen besser zu verstehen; trotzdem ist notwendig, weiter von den Lippen abzulesen

2008 wird mein „Pavillon“ fertig

2009 Ausbildereignungsprüfung

Die Möglichkeiten von Schule, Aus- und Weiterbildung konnte ich als praktisch Gehörlose nie ausschöpfen. Das merke ich seit 2012; das Landesamt für Gesundheit und Soziales genehmigte mir einen Kommunikationsassistenten, durch den ich mitbekomme, was mir alles fehlt. Ich lerne ständig dazu - was mir Freude macht. [5] O *Abitur* é a qualificação para o ensino superior e corresponde, portanto, ao vestibular brasileiro. [6] Texto original do exemplo 2:

Mein eineiige Zwillingbruder und ich sind als taub auf die Welt gekommen. Bei Feten, Hochzeiten und hörende Gesellschaften bin ich immer sehr froh, dass ich ihn habe. Damit ich nicht in dieser Gesellschaft als Außenseiter bin. Umgekehrt ist für mein Bruder genauso. So können wir für uns alleine gebärden. :o)

Wir haben auch eine hörende Schwester, die immer sehr liebevoll für uns kümmert, z.B. telefonisch, Beratungen, ...etc... In unserer Familie sind alle hörende und wir können uns einander gut kommunizieren.

Ich habe bisher gute Schule besuchen können, sodass ich am Ende Abitur in der Tasche habe.

Bisher in meinem Leben hat mich sehr geprägt: Ich verreise sehr gerne und war schon auf alle 5 Kontinenten, weitere Reise kommen noch hinzu. :o)

Ich bin auch als ehrenamtlich im GI-Verein tätig, GI-Freunde treffe ich auch ab und zu. Das ist mir sehr wichtig, damit wir die Hände benutzen können.

Seit 15 Jahren arbeite ich bei Firma Siemens, mit den Kollegen komme ich sehr gut klar. Falls es Schwierigkeiten gibt, schreiben sie mir immer etwas auf.

Leider läuft auf der Führungsebene immer das gleiche ab: Es werden immer sehr kurzfristig Teamsitzungen oder Infoveranstaltungen angesetzt, sodass ich gar keine Chance habe eine Dolmetscher zu bestellen. Die sind immer belegt. Wie oft ich denen gesagt habe, dass sie die Termine früher ansetzen sollen, bis heute leider nix passiert.

Ich kann kurz und klar sagen, dass ich stolz bin, dass ich taub bin. Meine Muttersprache ist die Gebärdensprache. Es ist mir bewusst, dass wir alle GIs nicht barrierefreies Leben haben können. (Teilnehmer, 36-50 Jahre, Baden-Württemberg) [7] O participante escreve muitas vezes na primeira pessoa do plural referindo-se a ele mesmo e seu irmão gêmeo que também é surdo. [8] Texto original do exemplo 3:

Rückblickend war meine Schulzeit an einem Regel-Gymnasium schrecklich. Ich hatte stets Regeleinrichtungen besucht, da bei uns am Land keine Möglichkeit bestand in eine SH-Schule zu gehen. Allerdings wollten meine Eltern mich auf eine Regelschule schicken, da ich an einer SH-Schule unterfordert gewesen wäre. Es gab keine andere Abschlussmöglichkeit für mich. So quälte ich mich durch das Gymnasium, wollte mehrmals abbrechen. Habe keinen Nachteilsausgleich bekommen und das Abitur gut bestanden und in einigen Prüfungen sogar Jahrgangsbeste geworden!

Jetzt an der Universität ist vieles leichter geworden. Es gibt zwar nach wie vor Barrieren, aber hier habe ich Mitkämpfer und der Inklusionsgedanke ist nun auch schon länger bekannt und kommt ganz langsam an in den Köpfen der Normalen. (Teilnehmerin, 18-25 Jahre, Bayern)

* Romana Castro Zambrano (autora): Doutora em Filologia Românica (Linguística) pela Universidade Heinrich Heine de Düsseldorf na Alemanha. Pós-doutoranda da Universidade Federal de Sergipe – UFS sob a supervisão de Prof.^a Dr.^a Cleide Emília Faye Pedrosa. Bolsista do PNPd/CAPES (2015/2016). Grupo de pesquisa: Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD): [www.ascd.com](http://www.ascd.com.br)

www.ascd.com

.br

. ** Cleide Emília Faye Pedrosa (coautora): Pós-doutorado em Letras (UERJ). Doutorado em Letras (UFPE). Coordenadora do curso de Letras Libras e coordenadora adjunta do Programa de Pós-graduação em Letras (UFS). Sua proposta para a Análise Crítica do Discurso está no site: www.ascd.com

www.ascd.com

.br

.

Recebido em: 04/07/2016

Aprovado em: 05/07/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: